

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC  
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: CONTRIBUIÇÕES  
PARA UM NOVO OLHAR SOBRE O SUJEITO**

SCOLARO, Giovani<sup>1</sup>

Orientadora: SOFFA, Marilice Mugnaini<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo aborda o histórico do professor desde a antiguidade até os tempos atuais, perpassando pela docência masculina e sua relação com a educação de crianças, na qual se aborda os preconceitos e o estigma de que a educação é um território feminino. Em seguida, traz relatos de professores de crianças das séries iniciais do ensino fundamental, analisando estes, com respaldo em autores da área. Buscou-se a análise da influência no desenvolvimento da criança, quando há a figura docente masculina inserida em seu contexto escolar nas séries iniciais, justificando-se em um novo olhar sobre a educação e o papel da figura masculina nesta conjuntura. Este artigo apresenta-se como uma ferramenta de aprofundamento e apresentação, das influências da figura masculina no meio educativo, para o desenvolvimento infantil. Como estudado, a imagem do professor acaba sendo relacionada, algumas vezes, à figura paterna, e este, mostra-se como provedor e pessoa de autoridade, podendo ser para alguns a única relação e exemplo de figura masculina, pela inexistência desta em sua rotina diária. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumentos: livros, artigos científicos, documentos legislativos, teses, dissertações, e relatos de experiência de professores, sendo embasada pelos principais autores da área como Louro (2004), Nóvoa (1987) e Freire (2018). Considerou-se que, por mais que existam muitos preconceitos sofridos pelos professores das séries iniciais do ensino fundamental, as barreiras impostas pela sociedade, e os demasiados desafios encontrados durante a formação e a carreira, vale a pena ser um professor de crianças, devido às recompensas emocionais e valorosas encontradas, as alegrias do aprendizado e da percepção de sua influência sobre um ser em desenvolvimento. É notório também que este, possui sua parcela de influência no desenvolvimento de seus discentes, enquanto seres em constante aprendizado e evolução, e também sedentos por conhecimento.

**Palavras-chave:** Docência. Crianças. Sexo Masculino. Preconceitos. Influência.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico pela Universidade Federal do Paraná e em Formação Pedagógica do Professor Universitário pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente nas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba..

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz uma reflexão sobre a influência no desenvolvimento da criança, quando há a figura masculina inserida em seu contexto escolar nas séries iniciais do ensino fundamental.

Esta, igualmente apresentará em uma abordagem histórica, de que maneira a figura do homem como professor de crianças pequenas, era bastante vista e muito encontrada no meio social. Com o passar do tempo a figura feminina acabou conquistando este espaço e hoje, quase não são vistos homens trabalhando com crianças pequenas. Com esta conquista das mulheres, podem-se contrapor as influências do docente masculino e da figura feminina em relação ao desenvolvimento infantil. E, além disso, analisar relatos de professores que vivenciaram na prática a sua influência no desenvolvimento desses pequenos sujeitos em constante formação.

Seguindo esta reflexão, o trabalho se justifica neste novo olhar sobre a educação e o papel da figura masculina no contexto escolar das séries iniciais da educação básica. A pesquisa vem como forma de aprofundamento e apresentação das influências da figura masculina no meio educativo, para o desenvolvimento infantil. Vista e relacionada muitas vezes à figura paterna, o docente masculino mostra-se como provedor e pessoa de autoridade, sendo em alguns casos a única relação e exemplo de figura masculina para alguns alunos que acabam não tendo esta presença em sua rotina diária.

Por meio das pesquisas realizadas e da defesa deste estudo, busca-se qualificar a figura docente masculina como igualmente capaz de desenvolver seu trabalho com a educação e cuidado de crianças, e desmistificando o preconceito existente com o sexo biológico que o relaciona aos crimes de abuso sexual que tanto afligem a sociedade. Como afirma Almeida (1998, p. 82): “Homens também são professores e cuidam da família, porém, raramente são descritos nesses afazeres, como se tal fato devesse permanecer oculto”.

Portanto, o presente artigo possui como problemática: qual a influência no desenvolvimento da criança, quando há a figura masculina inserida em seu contexto escolar nas séries iniciais? Visto que sua presença pode influenciar positivamente na evolução do aprendizado, e também emocionalmente, de crianças.

Para responder à problemática, o trabalho tem como objetivo geral, analisar a influência no desenvolvimento da criança, quando há a figura docente masculina inserida em seu contexto escolar nas séries iniciais. E objetivos específicos, contextualizar historicamente o papel do professor relacionando com o sexo biológico, analisar as influências do docente

masculino no desenvolvimento infantil, contrapondo a figura docente feminina e apresentar relatos de professores das séries iniciais do ensino fundamental e suas relações com a temática pesquisada.

O artigo tem como metodologia, a pesquisa do tipo qualitativa, pois contém análises de relatos de professores do sexo masculino respaldando a teoria apresentada. Igualmente, possui levantamento bibliográfico se fundamentando em livros, artigos científicos, documentos legislativos, teses, dissertações, observação e relatos de pessoas envolvidas no tema central deste artigo.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FIGURA DOCENTE NA EDUCAÇÃO**

A docência pode ser classificada como uma profissão paralela à História, por estar dentro, e fazer parte dela, desde o início dos tempos, pois o seu principal ofício pode ser apresentado como o repasse de informações consideradas importantes para a sociedade.

Na antiguidade, referindo-se a Grécia antiga, o conhecimento era mantido e repassado por meio dos mitos, que em seguida teve seu enfoque transferido para a razão. Sendo assim, os filósofos, seriam as representações primas da figura do professor. Estes eram unicamente do sexo masculino devido a organização da sociedade e a divisão de tarefas, que faziam com que as mulheres tivessem apenas que cuidar da casa e dos filhos, sendo responsabilidade dos homens o trabalho e sustento da família, e também os únicos detentores do conhecimento. Os filósofos eram responsáveis por questionar e colocar em discussão certos assuntos, como neste caso, a veracidade dos mitos (COUTO, 2012).

E a Paidéia surge para conduzir os jovens em busca da formação integral do cidadão perfeito e completo, sendo ele capaz de liderar e ser liderado. Mas apenas os mais abastados seriam pegos pela mão pelos pedagogos (escravos da época) e levados até os filósofos, para assim aprender sobre gramática, retórica, matemática, ginástica, história natural, geografia e a filosofia (COUTO, 2012).

Como ratifica Nóvoa (1987), foi no final da Idade Média que a Educação e o profissional, chamado professor, teve a sua origem e desenvolvimento, sofrendo uma transformação cultural de grande relevância, e paralelamente a isto, o desenvolvimento das primeiras esferas da sociedade burguesa, substituindo a comunidade medieval por uma sociedade em que a palavra mudança, conquista um novo sentido.

Nesta época com tantas mudanças, como citou Nóvoa, há grande influência dos religiosos e religiosas, sendo as escolas associadas as instituições da Igreja Católica, estabelecendo esta, o que seria estudado.

Já no Brasil, os primeiros professores, podem ser chamados de Jesuítas, aqueles que faziam parte da Companhia de Jesus.

Louro (2004, p. 375), quanto aos primeiros professores, reafirma que, “a atividade docente, no Brasil, como em muitas outras sociedades, havia sido iniciada por homens – aqui, por religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1759”, conhecido também como, Período Jesuítico, e continua, “posteriormente, foram homens que se ocuparam do magistério com mais frequência, tanto como responsáveis pelas ‘aulas régias’ – oficiais – quanto como professores que se estabeleciam por conta própria”.

A Companhia de Jesus foi uma congregação de religiosos que serviu aos portugueses que na época buscavam a colonização do país. Com esta atitude, a Coroa Portuguesa e os Jesuítas, conseguiram catequizar e converter os índios à fé católica, sendo esta uma maneira de introduzir neles, saberes básicos relacionados aos atos de ler e contar, sendo assim, a alfabetização como o caminho a ser percorrido.

Em 1772, com Marquês de Pombal no poder, algumas mudanças ocorreram em relação à Educação, devido às suas determinações. Quanto a isto, Nóvoa (1987) afirma:

A chegada ao poder do Marquês de Pombal e a Reforma de 1772, [...] vão alterar substancialmente este estado de coisas. A diversidade educativa vai suceder-se um vasto projecto de uniformização das situações educativas e de homogeneização das práticas escolares. A partir da época pombalina é ao Estado que compete o controlo e a coordenação das actividades escolares (NÓVOA, 1987, p. 418).

Com as determinações da reforma pombaliana, houve uma queda no nível do ensino, causando ao país 10 anos obscuros para a área da Educação, já que a ministração de aulas era realizada por professores com baixo preparado. Relacionando-se a este fator, Nóvoa aponta que:

O processo de estatização do ensino consiste, sobretudo, na substituição de um corpo de professores religiosos (ou o controle da Igreja) por um corpo de professores laicos (ou sob o controle do Estado), sem que, no entanto, tenha havido mudanças significativas nas motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo do professor continua muito próximo do padre (NÓVOA, 1995, p. 15).

E segundo Nóvoa (1995), o desenvolvimento da função do professor aconteceu sem especialização e de forma subsidiária, sendo esta uma ocupação secundária realizada por religiosos e leigos de diferentes origens. Sendo que ao longo dos séculos XVII e XVIII, há uma consolidação de grande porte de congregações voltadas à docência e educação, como por exemplo, os jesuítas e oratorianos, que juntos puderam configurar um pouco da profissão docente.

No Brasil, como dito anteriormente, e também como em outros países, os primeiros professores iniciaram sua atividade docente, tendo em seu campo uma totalidade masculina. E segundo Louro (2004), havia uma decorrente discussão, referente a importância do Ensino, para modernização do país. As críticas quanto ao abandono da Educação, em que as províncias encontravam-se, onde a maioria da população permanecia vivendo em meio ao analfabetismo, aconteciam de modo contínuo. Em busca da superação desta grande parcela de analfabetos na população, encontrou-se uma saída, e aos poucos as mulheres foram tendo seu espaço, e isso deu no início, à aceitabilidade das meninas nas escolas, pois anteriormente, apenas os meninos passavam pela escolarização, como afirma Louro (2004):

Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas; [...] mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. [...] As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura (LOURO, 2004, p. 371-372).

Deu-se início ao combate ao analfabetismo, na segunda metade do século XX. Como lembra Louro (2004), durante um intenso processo de urbanização, houve a necessidade de que se promovesse a entrada das mulheres nas escolas, sendo como alunas ou professoras, fortalecendo a área da Educação. Porém, com a discriminação entre meninos e meninas nas escolas, os homens ensinavam apenas para os meninos e as mulheres para as meninas, e foi assim, que as mulheres tiveram seu início na carreira docente.

Mais tarde, com a Revolução Industrial, no século XX, em meados de 1930, no governo de Getúlio Vargas, e os avanços tecnológicos que a mesma carregou consigo, houve por parte dos homens, a procura por novas oportunidades de emprego, trazidos por esta revolução, com remuneração maior que aquela vista no âmbito educacional e da docência. Acostumadas com a diferença entre os salários na Educação, entre homens e mulheres, a permanência da figura feminina nesta área foi maciça, até mesmo por se aproximar da realidade vivida por elas nas tarefas domésticas, relacionado à educação da criança. Houve então a intensificação do papel de mães-educadoras (COUTO, 2012).

Quanto ao abandono da docência por parte da figura masculina, Rosa (2011, p. 6) afirma que, relevando o fato da docência, neste período, inferir aos homens certo mérito, e estes ganharem salários distintos aos das mulheres, chegou um momento específico em que os docentes masculinos iniciaram um processo chamado ‘abandono’ em relação ao magistério.

Com a saída dos homens da profissão professor, as mulheres, conquistaram para si este quadro de trabalho. E Rosa (2011, p. 8) coloca esta decisão como fundamental para que a partir do século XX, como a autora cita: “as mulheres tomaram as Escolas Normais e as salas de aulas quase que por completo” fazendo com que o Magistério no Brasil tivesse em sua maioria o sexo feminino, pode ser considerado “um processo já devidamente alicerçado desde o século XIX, porém um fato consolidado somente a partir da República e que veio a ter um aumento significativo nas décadas que se seguiram”.

Almeida (2006) reafirma quanto ao ingresso das mulheres no magistério e relaciona isto aos termos ‘missão’ e ‘vocação’, ao colocar que “o fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar”.

Diversas discussões surgiram e continuam aparecendo, relacionando-se às diferenças encontradas entre homens e mulheres. A sociedade corrobora ativamente para que essas discussões aconteçam, pois é a principal responsável pela procura de explicações para comportamentos e ação empregadas por eles e elas, concedendo suas diferenciações a aspectos de ordem biológica. Contudo,

É preciso entender que a diferença sexual não determina necessariamente as diferenças de gênero, pois este último trata-se de uma representação que a sociedade cria com base no perfil e nos comportamentos considerados adequados para cada sexo (ARAÚJO; CUNHA, 2013, p. 11248-11249).

Por se tratar de uma representação feita pela sociedade, e desenvolvida com base nos estigmas e preceito que a mesma carrega consigo, deve-se relevar alguns pontos e considerar outros. Pois sendo homem ou mulher, o ser humano não deve ser comparado com outro do mesmo sexo, levando em consideração, questões relacionadas a ordem de gênero. Araújo e Cunha (2013, p. 11249) citam que, as características que se relacionam ao “amor, carinho, dedicação, paciência, ternura, entre outros, fazem parte das representações de gênero”, as quais são produzidas e reproduzidas pela sociedade, acerca da mulher, ser humano do sexo feminino, de forma errônea.

Segundo Vianna e Ridenti (*apud* ARAÚJO; CUNHA, 2013, p. 11249), sexo se refere às diferenças de ordem física entre homens e mulheres, e corroboram que: “Muitas vezes essas características distintas são usadas pelos indivíduos na construção de um conjunto de representações sociais e culturais, valores e atribuições sociais” que, acabam sendo confundidas com as relações de gênero, causando certos desconfortos e preconceitos.

E com isto, as condições do seguimento nesta carreira, como professores e professoras, nem sempre correspondem às expectativas de uma profissão almejada por aqueles que estão ingressando neste mercado. E o que ratifica a rejeição de alguns homens por esta profissão é o fato da sociedade relacionar características como amor, dedicação, carinho, ternura, paciência, entre outros, as quais fazem parte das representações de gênero produzidas e reproduzidas pela sociedade em relação ao sujeito mulher.

### 3 A DOCÊNCIA MASCULINA E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS

O ensinar constrói-se na interdependência entre busca de novos conhecimentos e capacidade de relacionar teoria e prática, sendo esta uma atividade nem sempre realizada de modo simples. Pois, ela caracteriza alguns momentos em que uma relação de tensão entre afirmações e negações tornam-se naturais, vivendo uma constante transformação do ser que ensina e aquele que é ensinado. Pode-se classificar como um desafio constante, fazer com que a teoria se correlacione e abranja a prática, o cotidiano. Essas colocações feitas acerca da docência transferem a ela uma carga de exigência, deixando aqueles que a encontram reflexivos quanto ao seu próprio agir e tomadas de decisão.

Docência, segundo o dicionário, significa o ato de ensinar, qualidade de docente ou o exercício do magistério (FERREIRA, 2010, p. 263). Já para Gauthier *et al* (1998, p. 17) a docência é "um ofício universal. E esse ofício possui uma longa história, pois suas origens remontam à Grécia antiga, mas tem um papel fundamental em nossas sociedades contemporâneas". Na perspectiva etimológica, "docência significa a ação de ensinar e está imbricado ao radical do verbo latino docere, que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender" (SANTOS, 2010, p. 99). Araújo (2004, p. 155) contribui com esta definição afirmando que a docência é,

[...] ação de transmitir conhecimento. *Struere* agregado da preposição *in* remete-nos para o verbo *instruere*, significando erguer, levantar, construir, pôr em ordem, formar, dispor. Assim, instrução implica em uma ação de ordenar, de construir, e a sua datação em língua portuguesa é do século XVI [...] *preceptor* (a datação é 1190), *mestre* (1255), *aio* (1277), *professor*, *lente*, *magistério* (século XV), *pedagogo* (século XVI), *instrutor* (século XVIII), *educador* e *lecionista* ou *lecionação* (século XIX).

Atualmente, observa-se uma tensão social vivenciada pelo adulto masculino, ao cuidar de crianças em casa, ou no trabalho. E esta é amarrada à preocupação de pais e mães referente ao abuso sexual, crime que tanto aflige a sociedade. Quanto a isto, Miranda (2005), aponta uma percepção intrigante do professor homem enquanto figura paterna:

Os professores, ao associarem a concepção de professor-homem à figura paterna, realizaram um processo de objetivação. Visto que, na nossa sociedade, a concepção de pai é a de ser provedor financeiro e moral da família, quando os professores se identificam com a figura paterna estariam objetivando esse “novo” campo profissional como forma de paternidade moral. [...] Os professores homens se sentem responsáveis pela formação desse aluno como provedores morais das crianças que eles estão ajudando a educar (MIRANDA, 2005, p. 62).

Em um cotidiano bastante abrangente, muito se vê a atividade docente, sendo relacionada à figura materna. E isto não pode ser recriminado, pois se trata de um paradigma criado pela sociedade e vivido pelo ser humano, no qual a educação ao ser amplamente relacionada com o cuidado e carinho, provoca uma interrelação com a mulher que, durante toda a história acabou sendo responsável por este papel na sociedade, principalmente quando direcionado às crianças pequenas. Além disso, a sociedade convencionou a figura paterna à responsabilidade financeira da família, acaba sendo um paradigma da mesma, sendo que, enquanto este fato ocorre, a mãe é a responsável por educar, alimentar, cuidar e ensinar valores aos filhos. Fonseca (2010) sintetiza quanto à prática do cuidar na docência:

O ponto central do cuidar na formação de professores, está estritamente ligada a atitudes consideradas femininas: cuidar, tomar conta, (das crianças) - papel social atribuído às mulheres já que se aproximam dos atributos maternos, ao lado de outras que socialmente se atribuem ao gênero feminino (FONSECA, 2010, p. 6).

Quanto ao pai que acaba sendo visto apenas como provedor financeiro, ratificando Miranda (2005), ele precisa ser relacionado aos atos de educar, ensinar valores e promover o crescimento de seus filhos, não se tratando de uma tarefa exclusiva do sexo feminino. Porém, devido às representações de gênero desenvolvidas ao longo dos tempos pela sociedade, essas habilidades são muito relacionadas à mulher.

Atualmente, pode se observar em meio à sociedade uma nova constituição de família, na qual a mãe e o pai, enquanto parte sendo do sexo feminino e a outra, do sexo masculino, são vistos normalmente. Contudo, se tem visto com frequência, famílias nas quais os pais, são ambos do sexo masculino, mães, são ambas do sexo feminino, também pais ou mães solteiros, que acabam criando e educando seus filhos de maneira equivalente, e encontra-se em algumas situações avós, ou tios, que tomam para si a responsabilidade da educação e criação dos menores.

Com a evolução da sociedade e o desenvolvimento do mundo, alguns ideais estão em decorrente mudança, porém, é permissível e ideal, manter claro em nossas mentes as novas concepções de família, e que isto é algo a se trabalhar e desenvolver em escolas, pois acaba sendo encontrado no dia a dia.

Essas ligações que acontecem, muitas vezes no chão da escola, são situações a serem enfrentadas, não enquanto enfrentamento de ideias ou confronto, mas no sentido de entender que as famílias estão se renovando, e que o conceito de família passa por constantes alterações, decorrentes do avanço da sociedade.

Quanto à definição e formação de novas famílias, Souza, Beleza e Andrade (2012, p. 110 e 106), afirmam que “o que vai identificar a família já não é mais a celebração do casamento ou do envolvimento de caráter sexual, e sim o afeto que permeia o relacionamento” e por isso, “não podemos usar qualquer predefinição ou formatação para designar definitivamente o que é família hoje”.

Podem-se observar complexos arranjos familiares em nossa sociedade, sendo alguns destes, as famílias monoparental e homoafetiva. A primeira diz respeito, de acordo com a Constituição Federal de 1988, no artigo 226, inciso 4º, a uma comunidade familiar, constituída por qualquer dos pais e as próximas gerações, dos mesmos (BRASIL, 1988). Sendo que neste modelo, refere-se a ocasiões como a viuvez, divórcio, inseminação artificial ou adoção por pessoa solteira.

E o segundo arranjo familiar citado, o homoafetivo, retrata-se na união afetiva de duas pessoas do mesmo sexo (masculino ou feminino). Mesmo que grande parcela da população não reconheça estes casais como possuidores de caráter familiar, estes já são reconhecidos pelo Supremo Tribunal Federal.

Hoje, para a sociedade em geral, a essência familiar, traduz-se em seu interior, não há somente uma verdadeira família, mas esforços que buscam o bem comum, laços sanguíneos ou não, e o principal, estrutura familiar e carinho.

### 3.1 O PRECONCEITO VIVIDO PELO DOCENTE MASCULINO NA EDUCAÇÃO

Sustentando-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 62, se observa que “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal” (BRASIL, 1996, p. 28-29). Neste conjunto de leis, referidas à educação, são observadas orientações quanto à necessidade de formação docente para o trabalho com crianças, por meio da graduação, não havendo nenhuma organização ou divisão em relação ao sexo biológico, na qual poderia se observar a exclusão do sexo masculino para o trabalho na área da Educação de crianças em desenvolvimento primário.

Na atualidade, em todas as etapas da educação escolar pode-se observar a inserção de uma maioria feminina para a docência. Contudo, na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental (compreendidas do 1º ao 5º ano) este número é ainda maior, são os níveis os quais há a maior incidência de preconceito em relação da presença do homem. Produzidos culturalmente, esses conceitos formados com antecedência, acabam gerando desigualdade de gênero em relação ao trabalho direto do homem com crianças, pois o pensamento em sua maioria nestes ambientes, é que somente as mulheres possuem a capacidade de exercer esse papel, devido a sua intrínseca maternidade e laços maternos com o cuidar de crianças pequenas. Quanto a este preconceito, citado anteriormente, Sayão (2005) afirma:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

O pensamento de que, somente as mulheres são capazes, e podem desenvolver um bom trabalho com crianças, parte de uma premissa sociocultural que caracteriza a mulher como possuidora, desde seu nascimento, de conhecimento para o cuidado de crianças.

Finco (2003) ainda sintetiza quanto ao assunto de que, inexistente um saber natural por parte das professoras para educarem os pequenos, pois todo o conhecimento adquirido por elas foi desenvolvido socialmente. E o mesmo, coloca que se precisa levar em consideração, que historicamente são oferecidas, às meninas, bonecas como brinquedo, sendo estas consideradas de maior valor para desenvolver sentimentos às bonecas, e com o decorrer do tempo às pessoas.

Por a educação de crianças historicamente ter sido vinculada a uma prática sem a necessidade de muito conhecimento e formação, surgiu certo desconforto e desmotivação, em meio aos que buscam esta área, porém isto vem a fortalecer a ligação cultural entre a educação do sujeito infantil e o sexo feminino. A mesma história, citada anteriormente, afirmou que para cuidar dos pequenos bastaria um sujeito do sexo feminino com seu “dom” e instintos maternos, no qual a percepção de que apenas as mulheres poderiam se enveredar por esta ramificação do mercado de trabalho, permanece firme em nossa sociedade.

Kramer (2002, p. 97) afirma que a docência infantil está associada ao papel sexual, tradicionalmente relacionado às mulheres, devido a constante reprodução do cotidiano, de trabalhos domésticos em relação ao cuidado e socialização da criança. E ratifica quanto à

desvalorização do profissional, que constantemente afirmam não necessitar de qualificação específica. Afirmando o que foi citado por Sayão (2005) anteriormente.

### 3.2 DOCÊNCIA FEMININA *VERSUS* DOCÊNCIA MASCULINA

Apesar de ter-se conhecimento quanto às diversas ciências que abrangem o processo de ensino-aprendizagem, que foram e estão sendo aprendidos pelos docentes, pode-se ter intrinsecamente o entendimento de que o aprendizado também depende da postura assumida pelo professor em sala de aula, sendo este de ambos os sexos. Quanto a esta observação, pode-se submeter diversas análises, que abrangem sua didática, posicionamento frente a desafios e conflitos, a postura da turma em relação ao comportamento, a cobrança feita aos discentes e também sua própria organização.

Pestalozzi (1996) afirma que toda educação de qualidade necessita que o olhar materno seja presente dentro do lar, em todos os momentos, toda alteração no estado da alma de seu filho, lendo-o com atenção em seus olhos, boca e frente. Com isso, Pestalozzi coloca quanto à presença da figura materna, apenas enquanto mãe. Já em relação às professoras do sexo feminino, que por sua vez, teriam este olhar específico além dos lares e locais de convivência familiar, não se abrange nesta sua fala, não fazendo observâncias acerca da obrigatoriedade de sua presença na vida escolar, deixando espaço para os professores homens atuarem livremente.

Carvalho (1999, p. 80) afirma que para “Pestalozzi, quem dá prosseguimento dentro da instituição escolar ao trabalho da mãe no lar não é necessariamente uma mulher, mas alguém que aprende com a mãe”, sendo esta instrução, a boa educação, valores e boas atitudes a se tomar.

Carvalho (1999, p. 78), constrói seu pensamento acerca do trabalho de Pestalozzi e afirma que este

é um exemplo evidente e precursor da proposta de continuidade entre lar e escola e entre mãe e educador/a escolar. Este pedagogo suíço, leitor e admirador de Rousseau, escreveu sua obra principal, *Leonardo e Gertrudes*, em forma de romance em quatro volumes publicados entre 1781 e 1787. Um dos personagens centrais nesse ‘romance pedagógico’ é Gertrudes, uma camponesa, mãe de família e educadora exemplar dos próprios filhos, portadora das virtudes morais que irão transformar toda a aldeia em que se passa o romance. O lar de Gertrudes serve como inspiração para o mestre-escola que chega à aldeia, em sua prática pedagógica dentro da instituição escolar. Essa trajetória é simbólica do conjunto de ideias defendidas por Pestalozzi: a origem da virtude no lar, na educação doméstica e na prática maternal, que, transferidas para a escola, onde atua um homem, passam a ampliar seus efeitos sociais (CARVALHO, 1999, p. 78).

Contudo, Badinter (1996, p. 97-98) aborda em seus estudos sobre os homens e a maternidade, e que estes exercem tão bem como as mulheres seu lado materno e funções relacionadas, e socialmente ditadas, a este sexo, se assim necessário dentro de situações requisitantes destas circunstâncias. E continua dizendo que “o pai é tão sensível, afectuoso e competente quanto a mãe, sempre que mobiliza a sua feminidade”. Por isso, devemos tomar cuidado para não rotular o afeto e a sensibilidade apenas ao sexo feminino, pois os homens também possuem estas características e tem atitudes que demonstram esses valores.

Pois, a feminilidade, que de acordo com o dicionário, significa o caráter, modo de ser ou qualidade da mulher (FERREIRA, 2010, p. 344) e a masculinidade, segundo o mesmo, tem sua definição relacionada à “qualidade de masculino” (FERREIRA, 2010, p. 492), ou seja, qualidade do homem. Porém estas, não são pertencentes única e exclusivamente uma ao sexo feminino e outra ao sexo masculino. Ambos os sexos possuem as qualidades do outro, para que assim forme-se um ser integral diante de suas capacidades.

Rabelo (2010) contribui ainda, quanto ao sentimento de afeto, e corrobora sobre o ato de gostar, que traz consigo este valor. E afirma de acordo com seus estudos que:

O gosto por crianças é a razão de escolha profissional do homem pela docência. [...] Este dado nos permite verificar que esta não é uma das últimas motivações do homem para escolher a docência, ao contrário, diferentemente do que divulgam algumas representações que circulam na sociedade, os homens também gostam de crianças e querem lidar com elas no seu exercício profissional (RABELO, 2010, p. 169).

Mas não se pode valer apenas do ato de gostar de crianças, pois isto diminui e desvaloriza a profissão frente a sociedade. Sabe-se que a Educação exige mais do que gostar, mas se faz necessário mostrar isto para a comunidade a qual pertencemos. No prosseguimento de sua reflexão, Rabelo continua sua contribuição quanto ao assunto, colocando que “não basta gostar de criança para estar apto a lecionar [...]” pontuando em seguida quanto a desvalorização do profissional da Educação, quando se tem este olhar ingênuo por parte dos “governantes, [...] dos pais e das mães que deixam seus filhos na escola” (RABELO, 2010, p. 170).

Esta temática é aprofundada na próxima seção, na qual a teoria poderá ser relacionada com a prática de professores/pedagogos que trabalham com crianças do ensino fundamental, nas séries iniciais.

#### **4 O PROFESSOR DE CRIANÇAS E OS RELATOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS**

Para enriquecimento deste trabalho, foi realizada uma busca por relatos, com o objetivo de analisar falas de professores do sexo masculino, com experiência e vivência na docência de crianças na faixa etária de 6 a 10 anos e comparar com o conhecimento teórico apresentado anteriormente.

O instrumento de pesquisa foi entrevistas informais, realizadas por e-mail, com o intuito de deixar o entrevistado o mais confortável possível para fazer seu relato. Por meio deste trabalho, foram escolhidos alguns relatos, e estes foram utilizados em recortes, com respaldo teórico de autores da área.

Os professores entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando o uso de seus relatos. Com a finalidade de enfatizar estes relatos e diferenciá-los das citações dos autores que respaldam na análise destas, estas serão apresentadas em formatação diferenciada (itálico). Os docentes são identificados como 1, 2 e 3 e suas identidades mantidas em sigilo, conforme o termo assinado.

#### 4.1 RELATOS DOS PROFESSORES

O primeiro professor entrevistado (professor 1) cursou o Magistério, possui graduação em Pedagogia, formação complementar no curso de Música e atua como docente de crianças em uma escola particular na cidade de Curitiba. Ele afirma que sentia um carinho pela Educação desde cedo, e não possuía outra profissão que desejasse mais do que ser professor.

A seguir apresenta-se a fala do professor 1 referente à relação dele com os pais dos alunos, os quais ele ministrava suas aulas.

*Mesmo com muita resistência dos pais, sabia que a caminhada não seria fácil, durante o curso pude perceber como os homens são de certa forma não muito “bem vistos” na educação principalmente na modalidade infantil. Os pais de certa forma são muito resistentes em aceitar um educador para seu filho, devido a muitos relatos de situações negativas que acontecem nas instituições tanto públicas quanto privadas.*

Freire (2018) ratifica esta fala, afirmando que, o trabalho com crianças, seja ele desempenhado por uma figura docente masculina ou feminina, merece respeito e, olhar atento e cauteloso por parte daquele que desempenha esta atividade, pois as atitudes e decisões tomadas frente a este sujeito em constante desenvolvimento possuem grande responsabilidade, principalmente no processo de elaboração intrínseca da autonomia na criança. Nestes momentos, há pessoas que mostram sua tranquilidade, e assim transferem confiança e segurança para que a criança possa viver sua autonomia, outras, acabam demonstrando sua preocupação, nervosismo e ansiedade quanto ao desenvolvimento daquele

sujeito, deixando a criança nervosa e insegura para experimentar a autonomia. E continua: “Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos” (FREIRE, 2018, p. 68-69).

O professor 2, entrevistado, cursou Pedagogia e trabalha atualmente com o ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e já passou por todas as faixas etárias dentro deste seguimento, durante sua carreira como professor. Para ele:

*O trabalho como professor de ensino fundamental para um profissional do sexo masculino não era para ser considerado algo novo ou “diferente”, sabemos que, em diferentes momentos da história, homens eram responsáveis pela educação de crianças e jovens, mas com o passar dos séculos a educação, principalmente a infantil, tornou-se exclusivamente feminina.*

O terceiro professor que apresentou seu relato pessoal de experiência no meio docente, trabalha há 4 anos no meio educacional, com crianças dos 6 aos 10 anos. Este traz em suas palavras, mais um trecho de uma história de trabalho carregada de preconceito e percepções de pais e colegas de trabalho, precipitadas.

*Muitas coisas já vivi e enfrentei nesta profissão, principalmente no começo, pois ao entrar no colégio que trabalho até hoje, fui o primeiro homem a trabalhar com crianças e isto causou um choque nas famílias. Foram inúmeras as vezes que ouvi questionamentos pelos cantos como estes: “porque ele trabalha aqui? Para mim somente mulheres deveriam trabalhar em escolas”, “homens não deveriam trabalhar com crianças, olha quantos casos de pedofilia aparecem no jornal”, entre outras falas. Fui muito julgado no começo, mas aos poucos conquistei a confiança das famílias, mostrando meu profissionalismo, responsabilidade e cuidado com as crianças. Hoje eles me veem como uma referência na escola e percebo a confiança não de todos, mas da maioria.*

Para complementar a fala destes professores, Rabelo (2010), afirma ser necessário perceber que,

o magistério não é uma vocação ou um “chamado” feminino, pois esta é uma profissão que exige sólida formação pedagógica, esforço, dedicação, competência e espírito de classe, que precisa, também, de boas condições de trabalho e remuneração compatível. Somente então é possível enfrentar a relação com os alunos com afeto, mas sem o disfarce do amor e pleiteando salários mais justos, através de sua participação em seu órgão de classe (RABELO, 2010, p. 167-168).

Quanto à aceitação dos professores homens, por parte das escolas e dos pais de alunos, podem-se perceber contrapontos em seus relatos, observando sua caminhada profissional. O professor 1 coloca que, nas escolas por onde passou durante seus estágios e depois como professor, sempre foi respeitado pelos pais e equipe educativa, e uma das causas deste respeito, ele referencia à percepção dos pais de melhoras significativas no desenvolvimento de seus filhos.

O professor 3, afirma que: “sempre fui e sou muito respeitado pela equipe de profissionais, sei que no começo sofri julgamentos, mas hoje também sei que assim como respeito todas as professoras, elas também me respeitam”, reiterando quanto ao olhar incorreto sobre o trabalho docente masculino.

Já o professor 2, relata ter encontrado durante seu percurso muitas dificuldades, por nunca ter sido aceito como professor de educação infantil, e afirma que muitas escolas aceitam apenas mulheres para esta função. Já nas séries iniciais, ele assegura ter trabalhado com todas as faixas etárias, porém, quanto mais novos os discentes, maior a desconfiança devido à presença de um homem na escola. E continua, relacionando a vivência do preconceito à prática do dia a dia, dizendo que, “a forma de trabalhar em sala de aula não importando o gênero, sempre será diferente, cada professor tem seu método, mas quando se trata de um homem ensinando crianças a linha fica mais tênue entre, ser o ‘diferente’ e o ‘incompetente’”.

Com os relatos apresentados anteriormente, é possível realizar uma comparação do cotidiano de um professor de crianças, a um equilibrista em pleno trabalho, no qual ao andar em uma corda bamba, não possui a opção de pisar fora, ou cometer erros sem cair e dar fim ao seu espetáculo.

Na perspectiva de Cruz (1998 *apud* MIRANDA, 2005), a ligação entre a criança e o professor do sexo masculino no processo de ensino-aprendizagem, classifica-se como “não sancionada socialmente ao gênero masculino” por razões diversas, e continua:

A primeira, diz respeito à docência ser um espaço associado ao gênero feminino”, [...] “o cuidar da criança que é tradicionalmente vinculado à mulher. A habilidade em cuidar da criança seria um “dom” com o qual as mulheres nascem. Mesmo que elas ainda não sejam ou venham a ser mães, elas são vistas como mais competentes que os homens, além de não oferecerem perigo, pois elas são mulher-mãe-cuidadora (CRUZ, 1998 *apud* MIRANDA, 2005, p. 63)

O professor 3, coloca quanto sua percepção em relação a influência da figura masculina sob os discentes.

*Percebi que durante minha caminhada profissional, influenciei a vida de muitas crianças, principalmente aquelas que não possuem uma figura masculina presente em casa, ou que até tem uma relação não muito boa com o gênero masculino. Sendo assim, infiro que da mesma maneira que as professoras são comparadas às mães, nós professores homens também podemos e devemos ser comparados ao carinho de pai, pois pai também dá afeto, troca fralda, dá banho, limpa a criança no banheiro, cuida e ensina valores.*

O sujeito da pesquisa 1 encerra seu relato de experiência com a afirmação de que “os professores são um espelho para seus alunos, nossas atitudes refletirão positivamente ou não,

e isso dependerá do trabalho que realizamos. O exemplo mais claro é quando um aluno te diz ‘professor quando crescer quero ser como você!’”.

Os relatos dos professores proporcionam o entendimento de que muitas das atitudes destes, sua postura e seus conceitos refletem em seus discentes, conciliando estes dois sentidos, em busca da formação completa dos estudantes em processo de aprendizagem, influenciados pelos mestres. Apoiando-se nos diversos teóricos que embasaram estes relatos e principalmente este trabalho, pode-se afirmar a importância da presença destes educadores do sexo masculino, como fundamental para o desenvolvimento íntegro e global dos sujeitos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho se propôs a apresentar o histórico do professor que trabalha com crianças, em uma análise da sua influência enquanto docente masculino inserido neste contexto escolar, por meio de embasamento em teóricos da área e relatos de professores do sexo masculino com experiência neste meio.

A pesquisa fez refletir sobre a presença do homem no meio educacional com crianças pequenas, os preconceitos sofridos, as barreiras impostas pela sociedade, e os demasiados desafios encontrados durante a formação e a carreira. Provocou uma reflexão sobre a influência deste sujeito no desenvolvimento integral dos menores, indo de encontro com a expansão de sua autonomia, o cuidado paterno e a autoridade do ser masculino, sendo mais rigoroso em algumas especificidades.

Esta presença do homem nas escolas é, ainda, julgada e taxada como incerta neste século que se propaga a cultura do respeito mútuo, o respeito a tudo que é adverso ao cotidiano, ao dito “normal”, sendo que no início desta profissão do ser professor, os homens eram a maioria unânime.

Por isso, não adianta ensinar às crianças todos esses valores de respeito ao próximo, pois quando o filho permanece com um professor regente do sexo masculino em sala, as famílias se revoltam, e exigem a troca de professor, ou saída dele da instituição, ou organizam um abaixo-assinado para a retirada do docente de suas funções, ou alguns ainda, questionam os próprios filhos quanto à conduta deste e tiram suas conclusões precipitadas promovendo em sua própria imaginação acontecimentos e histórias que de fato não ocorreram.

Com este trabalho foi possível conhecer algumas histórias de profissionais que afirmam que, vale a pena ser um professor (do sexo masculino) de crianças, devido às recompensas emocionais e valorosas encontradas, como por exemplo, as alegrias do aprendizado e da percepção de sua influência sobre um ser em pleno desenvolvimento. Pode-

se assegurar também que, este possui sua parcela de influência no amadurecimento de seus discentes, enquanto influenciador de seres em constante aprendizado, evolução, e também sedentos por conhecimento.

Na busca pela problemática da pesquisa, foi possível considerar que, o homem enquanto professor de crianças, não pode ser julgado como despreparado, desqualificado e/ou incapaz de trabalhar com este público, por simplesmente não ter o instinto materno em seu cerne, pois de maneira intrínseca, ele demonstra sua paternidade de forma majestosa, ao cuidar e ensinar os sujeitos.

Cabe ressaltar que a intenção de realizar esta pesquisa foi a de desmistificar o preconceito e paradigma criado pela sociedade de que, todo professor do sexo masculino é um abusador em potencial, mau, agressivo e autoritário, apresentando um homem que é capaz de trabalhar e influenciar positivamente com as crianças dentro de suas salas de aula, com carinho, amor, respeito e dignidade, como uma relação voltada de certa forma à paternidade. E principalmente, perceber essas influências dos docentes, por meio de pesquisas bibliográficas e a coleta de relatos, no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Neste sentido, é imprescindível repensar sobre essas descobertas, em meio aos relatos de experiência enviados pelos professores, pois quando se vê, em meio às palavras citadas na seção 4, situações em que a influência resulta positivamente no desenvolvimento infantil, isto pode provocar um *insight*<sup>3</sup> para refletir sobre a necessidade desta figura no meio educacional, contribuindo para o aperfeiçoamento da autonomia, do fortalecimento da emoção e otimização do relacionamento entre o sujeito e uma suposta figura masculina, que por vezes substitui a que por ventura já não existe no meio familiar.

A busca por este conhecimento não se finaliza, pois embora não hajam muitos achados em pesquisas relacionadas ao assunto, esta é uma temática necessária, para que esteja em pauta nas discussões futuras e também de novas pesquisas, buscando atualizações e ressalvas sobre o tópico. Neste sentido, faz-se necessária a continuidade da pesquisa sobre a influência do docente masculino na educação e no desenvolvimento de crianças.

E por tudo que foi apresentado, encontrado e também vivenciado pelo autor enquanto pertencente ao meio de trabalho educacional há quatro anos, sendo estes superados com adversidades que acabaram chateando e desmotivando-o sobre sua carreira, com situações de preconceito e até exclusão de algumas funções por ser do sexo masculino, conclui-se que, a

---

<sup>3</sup> “Em um dicionário de Filosofia, insight é definido como: ‘Visão súbita, iluminação, intuição, que permite, por exemplo, ao animal resolver imediatamente um problema’.” (LALANDE *apud* ABEL, 2003, p. 2).

presença do homem nas séries iniciais do ensino fundamental, é necessária como figura de representação masculina para ambos os sexos. Sendo este docente, presença que auxilia no melhor desenvolvimento da segurança emocional da criança em relação ao adulto do sexo masculino e de sua autonomia, devido à exigência por parte dos professores homens (característica percebida pelos autores por meio dos relatos) e também professoras mulheres, pois esta característica de trabalho não é uma condição sexual.

Portanto, é necessário ter clareza que, momentos de adversidade e possível rejeição de postos e vagas de trabalho para homens, neste ambiente da Educação, acontecerão, mas não são barreiras intransponíveis, são desafios a serem superados. Com o tempo e trabalho árduo daqueles que pretendem enfrentá-los, é possível conquistar êxito na tarefa de reconquistar um espaço que é um direito, mas que infelizmente paradigmas instituídos na sociedade afastam os docentes do sexo masculino, de um sonho, o de ensinar e aprender com crianças pequenas.

## REFERÊNCIAS

ABEL, Marcos Chedid. **O Insight na Psicanálise**. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v23n4/v23n4a05.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. *In*: SAVIANI, Demerval *et al.* **O Legado educacional do século XX no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2006.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Docência e Ética: da dimensão interativa entre sujeitos ao envolvimento socioinstitucional. *In*: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE. **Anais...** 12. ed. v. 4. Curitiba, 2004.

ARAÚJO, Lucélia Costa; CUNHA, Renata Cristina da. **Os homens na docência e a feminização do magistério**. Curitiba, 2013. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8593\\_4730.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8593_4730.pdf). Acesso em: 15 ago. 2018.

BADINTER, Elisabeth. **XY: A identidade masculina**. 2. ed. Porto: Edições Asa, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 25 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: [http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 22 ago. 2018.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** São Paulo: Xamã, 1999.

COUTO, Ana Cristina Ribeiro. **Ensino fundamental: caminhos para uma formação integral.** Curitiba: InterSaberes, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Docência. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Feminilidade. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Masculinidade. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação.** Universidade de Campinas, Campinas, v. 14, n. 3 (42), set./dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 56. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GAUTHIER, Clermont *et al.* **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

KRAMER, Sônia. **Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões.** Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In:* DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://democraciadireitoogenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

MIRANDA, Marcelo. A professora era professor. *In:* ROSSA, Leandro; VILLALBA, Margareth dos Reis Lima. **Revista de Educação AEC (Inclusão e Exclusão).** ano 34, n. 137, Brasília: Salesiana, 2005.

NÓVOA, António. **Do Mestre-Escola ao professor do ensino primário: Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV – XX).** 1987. Disponível em: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2200/1/1987\\_3\\_413.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2200/1/1987_3_413.pdf). Acesso em: 14 ago. 2018

NÓVOA, António. **Profissão professor.** Porto: Porto, 1987.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. Carta de Stanz. *In:* INCONTRI, Dora (Org.). **Pestalozzi: educação e ética.** São Paulo, Scipione, 1996.

RABELO, Amanda. Professores Homens nas Séries Iniciais: escolha profissional e mal estar docente. **Revista Educação & Realidade.** 35. ed., 2010. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/8198/9481>. Acesso em: 16 ago. 2018.

RIDENTI, Sandra; VIANNA, Cláudia. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. *In*: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

ROSA, Renata Vidica Marques da. Feminização do magistério: representações e espaço docente. **Revista Pandora Brasil**, n. 4, 2011. Disponível em: [http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/materialidade/renata.pdf](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/materialidade/renata.pdf). Acesso em: 17 ago. 2018

SANTOS, Sílvia Maria Barreto dos. **Docência Universitária na Era da Imprevisibilidade: Dilemas e Possibilidade**. São Luís: EDUFMA, 2010.

SAYÃO, Débora Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106572/223081.pdf?sequen>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SOUZA, Alinne Bianca Lima; BELEZA, Mirna Carla Moreira; ANDRADE, Roberta Ferreira Coelho de. **Novos Arranjos Familiares e os Desafios ao Direito da Família: Uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas**. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/577/n5Souza.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

RABELO, Amanda Oliveira. Eu gosto de ser professor e gosto de crianças - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. **Revista Lusófona de Educação**. n. 15, 2010. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1531>. Acesso em: 24 abr. 2018.